



MADEIRO

Fólios de Poesia VI

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

TÍTULO

Madeiro – Fólios de Poesia VI

COORDENAÇÃO

André Oliveirinha e Pedro Miguel Salvado

APRESENTAÇÃO

Pedro Miguel Salvado

PROJETO GRÁFICO

E ILUSTRAÇÃO VILA MADEIRO

Vitor Gil

DESENHOS

Rodrigo Dias

FOTOGRAFIA

Arquivo CMP: João Martins e José Figueira

APOIO EDITORIAL E REVISÃO

DE TEXTO

Micaela Pelicano e Cristina Cerdeira

DEPÓSITO LEGAL

558317/25

ISBN

978-989-36363-2-9

IMPRESSÃO

Sersilito, Lda.

TIRAGEM

800 exemplares

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Penamacor / 2026

MADEIRO

Fólios de Poesia VI

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR



MADEIRO – INTERROGAR OS TEMPOS DO FOGO

Esta nova entrega dos *Fólios de Poesia Madeiro* está ligada a uma das manifestações mais identitárias e distintivas de Penamacor. A edição continua a integrar o vasto programa de actividades em torno da extraordinária confluência patrimonial *Penamacor Vila Madeiro* que o território promove e afirma no contexto nacional e internacional.

Mantendo uma linha eclética que desde o início tem caracterizado o projecto, *Madeiro, Fólios de Poesia*, ao reunir poemas de distinta densidade criativa (entre a criatividade e a ingenuidade), alça hinos ao fogo enquanto matéria primordial: ora domesticada, ora furiosa e temida, ligando esta particular data do calendário religioso solsticial a outros momentos, uns pessoais, outros colectivos, e a geografias temporais em que o fogo está presente. A partir do rito que o cristianismo apropriou e que, na cultura portuguesa, se consagrou sob o nome *Madeiro*, os textos reinventam a chama unindo comunidade, memória e celebração. É uma coluna viva de palavras, uma ponte entre imagens e oralidades, uma representação concreta tentando, numa expressão mais erudita ou mais popular, aquilo que a filosofia e a poesia sempre buscaram: a reconciliação entre o ser humano e o cosmos, entre o sujeito e o espaço, entre o pensamento e a experiência. E é aqui

que os fólhos ecoam, com especial intensidade, a visão poética de Gaston Bachelard. Eles confirmam e ampliam as suas palavras luminosas: “O fogo é, ao mesmo tempo, íntimo e universal. Vive no nosso coração. Vive no céu.”

O *Madeiro* nasceu e continuou gestos ancestrais, convocações que as palavras reforçam de um rumor antigo que atravessou gerações. Mais do que uma fogueira, é um chamado, um renascer num tempo em que o silêncio das comunidades rurais se tem adensado. No crepitar, reconhecemos a persistência de um território que, mesmo esvaziado, insiste em falar. Com o *Madeiro* ergue-se um som discreto e profundo: o das comunidades que resistem numa interioridade envelhecida. Preparado com a paciência dos cerimoniais antigos, ele funciona como sinal e convite a reconsiderar as geografias afectivas, devolvendo presença às ausências, reunindo os que ficaram, os que regressam e até os que partiram. O *Madeiro* torna-se, então, mais do que tradição, um eixo que recentra a vida comunitária, restitui tempo e reabre o diálogo entre humano e a paisagem. A preparação, a partilha, a vigília, o riso, a nostalgia, tudo compõe uma respiração coletiva, devolvendo sentido onde o despovoamento frequentemente instala o vazio.

O *Madeiro* conjuga num mesmo foco uma manta de matérias e de sonhos. Nutre-se das gentes que carregam os troncos, da juventude que se reúne, dos mais velhos que guardam as recordações... Mas alimenta-se, também, do que imaginamos: aldeias onde o quotidiano convive com o sagrado, onde o fogo é ponto de reunião e o inverno deixa de ser apenas estação, tornando-se horizonte de celebração. A surpresa do *Madeiro* está em vê-lo acontecer. Em lugares antes silenciosos, renascem encontros, iniciativas, conversas que reacendem vínculos e a ritualidade transforma-se em forma de habitar em contiguidade

com a terra. O silêncio volta a ser fértil. A força simbólica do *Madeiro* lembra que a vida precisa de ritmos, de pertenças e de memória para se sustentar; que talvez o essencial não seja apenas preservar o rito nem regressar definitivamente ao campo. O movimento é interior e transversal: reconhecer que o território não é cenário, mas corpo vivo; que as tradições não são folclore, mas arquivos de sentido. Quando o *Madeiro* arde, a comunidade recorda-se de si. E, ao escutar esse fogo, a sua força, o seu abraço, reinventamos o nosso próprio modo de estar no mundo. Quando a última brasa se apaga e a terra torna ao seu silêncio, permanece em nós um vestígio desse diálogo: um tremor subtil, um eco que nos lembra que arder, perceber e compreender são processos inseparáveis. É neste lugar construído pelo fogo, pela terra, e pela resistência de uma identidade, que o invisível roça o visível e que o sentido profundo das coisas se volta a revelar.

O *Madeiro* é uma chama enraizada na própria era do fogo em que vivemos, e podemos recorrer à classificação vivencial proposta por Stephen Pyne: o *Piroceno*. Como o próprio autor afirma: "Somos criaturas do fogo, num planeta feito de fogo." Na nossa evolução, aprendemos a dominar as chamas para obter energia, e dessa posse nasceram máquinas, que facilitaram a nossa existência. Hoje, a vida arde: o fogo pouco aquece, transforma e estingue. Mas é sempre o homem quem desencadeia a faúlha do deserto. Mas no fogo do *Madeiro* renasce um centro invisível, e as terras respiram como se aprendessem, de novo, a viver.

Pedro Miguel Salvado



NOTA PRÉVIA

Há fogos que aquecem o corpo e há fogos que iluminam a memória e aquecem a alma. O Madeiro de Penamacor pertence a estes últimos. Ergue-se no coração do inverno como um gesto antigo, repetido ano após ano, não por hábito, mas por necessidade: a de juntar, a de lembrar, a de dizer que ainda estamos aqui.

A cultura é, nas palavras de Tylor, um conjunto de costumes, manifestações, rituais, crenças e atitudes que caracterizam uma comunidade e que se transmitem de geração em geração ao longo do tempo, definindo os indivíduos nas diversas geografias mundiais.

O Madeiro de Penamacor traduz essa cultura junto das comunidades que habitam este território, muitas vezes classificado como de baixa densidade populacional, e que, neste tempo de venturas e desventuras associadas ao ciclo natalício, se torna pequeno para acolher tanta gente, vinda de diferentes geografias e credos. Juntas, em torno do molho de paus no adro da igreja, assistem ao acender do Madeiro, momento que atinge o auge da representatividade cultural do tronco de Natal e da Fogueira da Esperança.

Por esta e outras razões, o Município de Penamacor tem levado a cabo ações que visam valorizar o território através deste elemento identitário da matriz cultural local. O investimento na marca Penamacor Vila Madeiro, a criação do Encontro de Cantares ao Menino, do Fórum Madeiro – A Chama da Tradição, bem como as consequentes publicações que



resultam de estudos etnográficos e antropológicos sobre esta manifestação, expressam a necessidade de afirmação e valorização junto das comunidades que visitam o nosso território.

A união da palavra poética ao Madeiro tornou-se, a partir de 2020, com o contributo do grande poeta António Salvado, uma realidade cada vez mais consistente, culminando, em 2024, na publicação de uma antologia de textos poéticos em torno da tradição do Madeiro e do fogo da esperança que este simboliza. Esta obra une o centro às periferias, através da participação de poetas oriundos de diversas geografias.

Esta sexta edição de Madeiro – Fólios de Poesia constitui mais um importante marco na salvaguarda e valorização da matriz de identidade cultural das comunidades ibéricas centradas em Penamacor, evidenciando, uma vez mais, a necessidade de reforçar os laços com as suas raízes. Esse reforço manifesta-se no regresso anual da população flutuante e dos jovens (mancebos e mancebas) que desejam cumprir a tradição de transportar o Madeiro até ao adro da igreja.

Que esta edição seja, uma vez mais, uma oportunidade de renovar os sentimentos de pertença e de enaltecer a nossa identidade, através da exibição do título de Maior Madeiro de Portugal, e que, num futuro próximo, o Madeiro possa ser reconhecido como manifestação cultural inscrita no Património Cultural Imaterial da Humanidade junto da UNESCO.

José Miguel Oliveira
Presidente da Câmara Municipal de Penamacor



**Vozes do Silêncio
que Arde**

MADEIRO DE PENAMACOR

Na praça ergue-se o tronco, chama lenta,
símbolo antigo, lume de união...
A juventude o leva em procissão.
Na noite fria a alma nos acalenta.

Do monte ao povo a força se ostenta,
eco de ritos, fé e devoção.
O madeiro aquece a história e a canção,
que o tempo guarda e a memória sustenta.

É fogo e festa, é raiz que persiste,
é voz da terra em claridade pura,
um elo forte que ninguém resiste.

E quando o céu se cobre de ternura,
o madeiro, em luz que nunca é triste,
renova a multidão e a sua cultura.

AS CIRCUNSTÂNCIAS DO FOGO

in memoriam Alan Gummerson

Que venha a luz de cima iluminar
o que se encontra em baixo, serpentes,
lobos, aranhaços, pumas. E que a luz de baixo
possa explicar os céus, o firmamento, a lua,

os deuses intocáveis. E que pelo meio
os anjos apareçam a par com os demónios
para que seja a natureza una e complexa
e nenhuma explicação possa ser dada

que não venha elucidar o mundo e os abismos.
Que, ainda assim, seja divino tudo, além
do muito estranho e misterioso fogo

que se apreende do sol e das estrelas
da nossa perplexa e obscura inquietação
que só por grande paixão será compreendida.



NATAL EM PENAMACOR

Já foi festa solar
a tradição popular
do madeiro que ardia
nas noites mais frias
quando o sol pouco raiava e a
natureza adormecia.
Foi ritual de solstício de inverno
culto a deuses pagãos,
celebrando a luz que
da sombria noite,
vestida de gelo,
se iluminava
e em direção ao céu se erguia,
em labaredas de fogo
incandescentes.
Mais tarde,
foi convertida
em festa de cristãos
e a fogueira

que celebrava o sol e a luz na noite escura
passou a aquecer o pobre Menino
que em terna candura
tremia de frio.
Memória ancestral,
todos os anos repetida,
cabe aos jovens mancebos,
mostrar a sua força e valentia,
cortando os robustos troncos
carregados nos ombros e nos braços,
seguindo em cortejo
para o adro da igreja,
onde se faz o festejo,
e os troncos são empilhados.
Ateado o lume,
o rastilho o consome
a pilha vira uma pira,
ardendo noite e dia,
animando a multidão que se aproxima.

No aconchego da fogueira,
o fogo fascina os olhos que nele se fixam
num misto de espanto e de encantamento.
E enquanto o calor exala
o corpo pede pão e vinho,
vozes que cantam ao som do acordeão,
enquanto os risos se soltam
e a tristeza esquecida
queima no crepitar da giesta,
do sobro e do azinho.

E é assim o Natal
em terras de Penamacor,
repleto de tradição,
do nosso país interior,
E dizem as gentes locais que o madeiro
boa fama ganhou,
que é o maior de Portugal
e igual a este nunca outro se encontrou.

FULGURACIÓN Y DANZA

A Joaquín Moreno Pedrosa

Fulgor, pero de brasa.
Nunca la llama inútil que se expande
gloriosa y breve en el perfil del viento,
y pasa y deja el corazón transido
de una dicha instantánea,
sino el hondo rescoldo que se aviva,
sino el fuego sagrado que se cela.
Así, con disciplina,
ardiendo para dentro, hacia lo hondo,
cuando brote la llama, al tronco asida,
será fulgor de sentimiento, denso
latido, brillo de diamante, iris
que la mano dibuja, el ojo aprende.
Desde el fondo, hacia arriba.
Arriba siempre, hacia un cenit de lágrimas
que caen sobre un mundo que se expande
con delicado aroma
como bajo el rocío huele a vida
plena la hierbabuena.

FULGURACIÓN Y DANZA

A ardente labareda,
Um duro passado
Subjugado à obediência,
Ao gesto,
Ao testemunho
Perante todos,
E solto no desafio
Da força da união,
Confissão Inconfessada.
Fulge como prova
De imorredoiria memória
Do auto que se descobre
No clarão que crepita
Como uma película antiga
Que volta ao presente,
Reposta
Na vontade do público
Que exige fogo sem ferro,
Que a forja não atíça,
Nem o fole sopra,

Nem a frágil relha sulca
A terra empoeirada
Onde a saudade é distante
horizonte esvanecido
E o desafio está ausente.
A ardente labareda,
O madeiro,
Trave e cruz
sem apelo,
Que a cinza sucede ao brasido
Levantada pelo vento
Depois de extinta a folia,
Percorrida a noite e o dia,
Desfeita a reunião.

CALOR

"No mundo tudo depende de um
bocadinho de calor."

Erich Maria Remarque

Vocês negam o amor. Não existe eufemismo que o disfarce ou passagem que encurte o abismo que vos separa. Mas o amor nunca se cansará de ser a única força, como o ouro incorruptível. Vocês são o chumbo atado aos pés dos que fogem e nos procuram. A vossa intolerância carcomida pela ferrugem é apenas narrativa. Não é gesto. Não tem limpidez. A tolerância brotará até nos escombros mais podres que deixarem para trás. E persistirá, como a única força. O demônio-outro é o vosso próprio medo. Vós não sois vítimas, sois orgulhosos carrascos – alheios à própria sombra, mas tudo cobrindo com ela. Escondem-se do espelho e assim fazem aluir a única ponte para o amor. Tu no espelho e o outro em ti – só assim se ilumina a caverna e se pode oferecer o calor. O amparo definha nas vossas mãos de cinza. Não podem ligar-se, sustentar, ou acreditar na bondade como a única força. É preciso convidar o medo a sentar-se à mesa e, a ele também, dar-lhe de comer. Vocês negam-lhe a cidadania. Armam-no, não o amam. O estrangeiro em vós é a terra comum de onde vieram. O caminho para a fonte já o esqueceram. Vós estais perdidos, isolados, à deriva num mar de mãos estendidas que se afogam. A vossa tragédia é negarem o amor como a única força, a única que poderia sobreviver à morte que já vos abraça.



OS SINAIS DO LUME

O madeiro cresce na noite
Como um animal de luz
trazido aos ombros por rapazes que ainda não sabem
que carregam o princípio do mundo.
O coração em chamas
Bate contra o gelo
O orvalho da próxima manhã
Foi desse incêndio
Um músculo terrestre que morreu devagar
Tu és da lenha a memória
E a aflição

Há fumo a lamber a lua
E com as mãos procuras o nome de Deus
Dos troncos saem rumores de antigas vozes
Uma língua queimada e branca.

O povo encosta-se ao clarão
Como se quisesse morrer
O fogo racha o frio em duas metades
Uma sobe em direcção ao céu
a outra agarra-se aos sapatos
Torna-se cinza
As faúlhas são pássaros fugazes
Um poema que não escreveste a tempo
E pereceu

Mas o madeiro resiste,
o seu silêncio vermelho
é agora o coração da aldeia
e a noite perturbada abre o seu corpo ao espanto

Depois, quando o fogo baixa
Resta a brasa compacta e espessa
como se no chão ficasse o último olho aberto do Inverno
a vigiar até que rompa o dia.

havia um lume antes do Natal
feito de homens e lenha
e de um silêncio quente que a aldeia entendia sem palavras

a avó punha-me as luvas
duas conchas de lã a cheirar a sabão azul
e dizia que o fogo também tem coração
eu acreditava porque o via bater nas brasas

a avó sorria
com os olhos a fazer lume também
como quem sabe que as memórias são ramos secos
que ardem devagar

a avó punha-me o mundo nas mãos
o fumo subia lento como uma prece que ela sabia de cor

e eu ficava a ver o Natal nascer no rosto dela

Todo empieza (o todo acaba)
en un vértice de luz
en el gesto que precede a la caída
(o al principio) de los sueños.
Una puerta encierra
(o libera) el resplandor
regresamos al origen
sellamos el final del precipicio
dormimos (o empezamos a andar)
emigramos
... como los pájaros.

quase ilegível, o que os olhos virem sujo de tinta
está na imagem fóssil do diálogo,
no intervalo ascendente, azulado e litúrgico
da bruxuleante paisagem.
há muito que o fogo foi ateado,
e a carta antiga, aberta há pouco, leva cidades
pedras longínquas na vertigem das margens.
a sombra oblíqua, a matraquear o negrume,
fez-se cedo para matar o silêncio em espiral
e uma cassiopeia de fagulhas finge o sonho
em torno de tantos sudários de carne
e insectos sem nome.
repara, dançando sobre musgo há uma cama
desfeita de milagres,
a vigília, as candeias, a mágoa dos espelhos
o redemoinho dos corpos
no sangue espesso do poema
há uma pausa protocolar
a cozer o tempo letárgico do silêncio
e o monologo que acende a labareda
é o de cada dia que se diz e não se faz,
a noite que é, não se sabe quando,
se missiva se vez, largo bêbado de luar.

se escrito, amarrotado ou em sangue,
um monólogo
é um pequeno fundo inóspito e duas linhas fósseis
a consumir um lume aceso que perpétua passados.
e está na superfície dos afogados, a segunda página
do fogo irremediável,
a pressa fecunda da espera e da extinção. néons
néons acesos a fulgir nas palmas da mão,
são as próprias palavras que se extinguem felizes
se forem ditas
connosco
num carrossel, tenuemente
um vagar ritual do lume
a incendiar-se pelo alimento dos anjos.

Rodam anéis em torno do cerne
desafiando o tempo das árvores
rodam os dedos em torno do branco
até que o fogo apague a dor dos homens
e das mulheres que circulam na grande roda
são rituais de início a motivar a passagem
celebram o fogo
numa lenta transição entre o nada e o todo
entre as raízes e os ramos entroncados ao alto
num pulo a esperança de encontrar a luz no madeiro
nessa grã cruz posicionada a partir do cerne

SOU DO LADO AUSTRAL

Do outro lado do solstício de inverno,
Sem tradições do Madeiro,
Mas sim, das tradições da Fogueira
Como encontro social,
Da transmissão oral do conhecimento
Dos ancestrais ensinamentos,
Rituais de purificação e reconciliação
Da restauração da harmonia social
Facilitando o perdão,
A reconstrução comunitária,
No espaço, em torno do fogo.

Ao anoitecer...
A Fogueira tinha o poder agregador,
Para a socialização e união
Através do convívio,
Na partilha de refeições
Fortalecendo laços sociais.

Sempre o Fogo e a Fogueira
Elemento poderoso,
Símbolo da Vida e da Transformação
Onde “N'gola” significa a força.

O fogo perpétuo
Da Fogueira centro de proteção
Das práticas espirituais e de culto,
Para afastar os maus espíritos
Das estruturas familiares.

Imagino a Fogueira e o Madeiro
Num encontro de ancestrais
Em auroras boreais.

O MADEIRO QUE SE RECUSOU A ARDER

Olhavam-me estranha mente
circundantê cortante desassossego
com a dor que não me liberta a paternidade
envolto num poder de perder identidade

Fizeram sentir-me sem chama de caruncho
de Pena da cor sem tela
esquecendo até o vigor da Luz
que crepita aceso dentro de mim

Centralizado em espetadores de olhar vidrado
convergem cegos não reconhecendo o caminho
trilhando um conhecimento amnésico frio
da primeira fogueira que iluminou o mundo

A minha alma imortal sempre existiu
renovada mente renascerei criando a Luz
nunca para inexistentes sorrisos de cera
de caras amarfalhadas em falsa noite festiva

ESTE ANO NÃO VOU ARDER...

Recuso-me a ser um fenómeno de ficção
cem motivos para não atear fogo
perante olhares de rugas gélidas
com almas interrompidas sem belo

Mas eis que chega a criança
enlaça lágrima no seu olhar brilhado
com ilusão feliz mente esqueço logo
demente do passado recente sem estrela

VOU ARDER... ardente mente

No crepitar liberto fogo de luz
mostro a verdade cheirosa de paz
na leveza da minha chama ferosa
eternizo os presentes na esperança

No ritual desta noite que tento embelezar
alegro as almas secas com magia da luz
aliada à fé pulverizo esperança no frio do ar
lavado por água benta das lágrimas do céu

Partirei sem dor na geada da madrugada
num suspiro hino suspirado no pólen
ardente mente vou apagar-me na chuva
libertando esperança na leveza do vento

Ressurreição em cinzas adubadas a mel
numa terra grávida que me verá crescer
PENAMACOR.

AS ALMAS TAMBÉM ARDEM DE SOLIDÃO

acendo o fogo pagão para iluminar a parte de mim que ainda não morreu
a noite cheira a fumo e a lembranças que nunca se deixam queimar
sento-me ao lado de um madeiro tradicional, como quem procura raízes que não tem
a inspiração chega aos tropeços
a escrita compulsiva segue atrás – como vício que não pede licença
risco palavras na madeira como se riscasse feridas na pele
a minha alma rebelde não sabe ficar quieta
revolta-se até contra o silêncio que lhe dou
abro uma garrafa de vinho para me disciplinar os fantasmas
eles bebem sempre antes de mim
ergo um copo decorado com uma caveira – que se ri do meu drama
e eu rio-me da caveira para não chorar de mim
há uma insatisfação constante que nunca dorme
uma fome de qualquer coisa que nunca sei nomear
talvez seja o eco de uma paixão perdida
talvez seja só a minha mania de perder tudo
escrevo até doerem os pulsos
escrevo até doer aquilo que já nem sinto
o fogo pagão estala como se aplaudisse a minha loucura
e eu deixo que ele aplauda, porque alguém tem de o fazer

as palavras entram em transe
dançam como a chama que insiste em sobreviver ao vento
ao meu lado, o madeiro é testemunha muda
guarda segredos que nem eu ousa encarar
a alma rebelde empurra-me para mais um verso
depois mais outro
depois todos os que me destroem devagar
o vinho pesa na boca como culpa antiga
a caveira no copo observa-me como um juiz cansado
a paixão perdida passa pela memória como ladrão
rouba-me o sono, deixa-me restos
a insatisfação constante raspa nas paredes do peito
nenhuma palavra serve
nenhuma chama chega
a solidão senta-se ao meu colo – recusa sair
e eu deixo, porque gosto pouco, mas preciso muito

o fogo pagão queima baixo, mas queima sempre
como eu: condenado a esta solidão eterna, mas ainda assim a escrever





O CICIAR DAS LABAREDAS

Memórias do “madeiro” de Vila Viçosa.

Numa terra onde o vento sabe os nomes das casas,
há um Rossio largo como coração que se abre.
O tempo, ali, repousa poeirento e vagaroso,
entre a sombra das árvores e o eco dos sinos da matriz
— parece que a própria história se deixa tocar
pelos que caminham em passo moroso,
com olhar atento ao rumor das pedras.
Não longe, o Carrascal murmura
um som de gravilha e segredos guardados,
lembrança dos espíritos dos que partiram,
ou do riso dos rapazes que já envelheceram
e que, agora, voltam em silêncio.
E há também a Praça da República,
onde as gentes se encontram e se perdem,
onde a fonte escorre recordações das quatro bicas,
onde os homens se cruzam sem pressa,
olhando uns para os outros com a calma de quem sabe
que a vida inteira cabe num gesto breve,
num aceno, num sorriso tímido.

No Natal, o madeiro arde,
nem sempre no mesmo sítio.
Há anos em que o lume se levanta no Rossio,
espalhando-se em reflexos nas janelas,
como se a vila inteira respirasse fogo
e os homens se detivessem, imóveis,
absorvendo o calor que lhes toca a pele
e o aroma antigo da urbe que neles corre.
Noutros, é na Praça que arde,
perto das igrejas, onde o fumo se mistura às rezas
e as brasas parecem estrelas caídas no solo.
E há os anos do Carrascal,
quando o fogo se ergue no grande eirado,
o cheiro do pinho verde se cola ao frio da noite
e cada homem, quieto, observa,
como quem lê um livro ancestral
cujo epílogo ainda está por escrever.
Nenhum desses fogos é igual.
Cada um tem o seu estalido e modo de subir,



a sua cor, a sua maneira de morrer.
E os homens chegam, calados,
de mãos nos bolsos de samarras e capotes,
com os olhos bem presos ao lume
— cada chama sussurra-lhes enigmas
que só eles podem compreender.
Alguns afastam-se, vão ao café,
pedem um copo de vinho ou uma cerveja,
soltam uma frase breve, um riso tímido,
e voltam, com o rosto marcado pela luz,
guardando dentro do seu ser
o calor que queima as palavras que doeram,
os gestos falhados, os silêncios longos,
preparando o caminho para o que há-de vir.
O calor chega-lhes à pele como bênção rude,
sem sacerdote, altar ou alfaia religiosas,
mas com a força de quem acredita no renascer.
As chamas crepitam, mudam de cor,
ora vermelhas como o sangue animal,
ora douradas como promessas.
No ar, o cheiro do pinho e da esperança,
a resina remanescente do tronco,
a cinza subindo como oração breve,
as faúlhas perdendo-se no escuro,
cada uma levando um mistério.

E quando o lume amansa
e a quente escuridão se instala,
ficam os homens e o silêncio,
todos esperando ouvir do fogo,
que a pouco e pouco se extingue,
a palavra final do ano que parte.
Depois, apenas o vento varrendo o chão,
e a certeza de que, no próximo Dezembro,
ali ou noutro lugar da vila,
o madeiro voltará a arder
e tudo recomeçará.

CANTA O FOGO

Por entre os beijos demorados
escondem-se ninhos
(sem chave).
Canta o fogo dos madeiros.
(Ó diabo,
o fogo canta?)

E os pássaros trazem no bico
fios de seda
que roubaram ao
silêncio.
Antes de pousarem
os fios nos ninhos,
absorvem (dos beijos)
o choro das estrelas.

Depois, adormecem
com o suspiro da flauta
(e também com a voz do fogo) que,

afinal,
era apenas os restos
da inveja dos

deuses.

RIO DO ESQUECIMENTO

Há notícias de todos os naufrágos perdidos de todos os carrascos amarrados ao pelourinho da história falemos então dos sacrifícios sem par e também da enorme multidão em correria surda e mouca ao destino que a envolve e sem nada saber de antes e depois do massacre impiedoso do rio do esquecimento rio que separa a morte da vida em todos os canais do planeta há um par de namorados de frente para as águas em todos os cais há uma esperança a nascer um dia novo que desperta uma certa beatitude um grande amor é sempre uma tábua de salvação em breve tudo se saberá inventaremos novos espaços para a vida e o mundo caminhará para a sua face mais humana afugentaremos os maus presságios com uma enorme dança junto ao fogo ah este fogo de incriveis cambiantes apela ao mais profundo de ti: fogo devorador de pequenos deuses quotidianos fogo prestes a explodir sobre as nossas cabeças abrir os olhos é difícil a perversidade é saber que não veremos o invisível e que os olhos vendados da multidão apontam para o rio do esquecimento.

CHAMA

O fogo nunca se furta
a quem observa com clareza
na paisagem virtual do mundo
a vibração da beleza fluindo
na tela mental em movimento
abrindo na escuridão de fundo
pontos luminosos por dentro
da escura labareda sonora.
A chama é o corpo da vaga.



Al “fuego nuevo” de Barquilla
(Salamanca), en la noche de
Todos los Santos

Antorchas silenciosas descienden del Calvario,
cargadas a los hombros de nuevos prometeos;
escobas enrolladas en vástagos de encina
encienden en la noche la luz de la esperanza.

El pueblo se congrega esperando el milagro,
de la luz renovada que llega desde el monte,
del calor concentrado que aviva los hogares,
que combaten tinieblas y el frío del invierno.

Tradición rescatada de secretos antiguos,
rescatada de olvidos y memorias dormidas
que celebran con júbilo, aunque ignoran su origen,
manteniendo la llama en su doble sentido.

Los titanes del fuego ya recorren las calles,
jaleados con voces y vítores de ánimo,
y enfilan el trayecto que lleva hasta la plaza,
donde dejan el fuego robado en el Olimpo.

O MADEIRO

Nasceu rebento
E cresceu, cresceu...
Até atingir o seu apogeu
De cortiça se vestiu
Ouvindo o vento
Sentindo o frio e o estio
Saudou gerações contente
Acolheu e alimentou
O coelho e o cochino
Moldou pintou e humanizou
A montanha e o granito
Suas folhas se fundiram
Numa bandeira da Beira

Mas um dia gélido e de frio
Sentiu na idade um arrepio
Ouviu o sino...
Os carros de bois chiavam
Ganhões e lavradores
Seguiam o Senhor Prior

Abraçaram-no e o levaram
A arfar, ao colo, em andor
Para no adro o honrarem
Os sinos repicaram
Os homens cantaram
Ao mundo chamaram
O Menino!!! Suplicaram...

De repente o galo cantou
O adro se iluminou
Uma chama crepitou
Na estrela que despontou

Libertando a verdade
Unindo para a eternidade

É o Madeiro
É o Círio de Natal!!!!



Lauren Mendinueta

TEORIA DO FOGO

Do outro lado do mundo há uma floresta que arde.
Deste lado também há uma floresta em chamas.
Ouço vozes que nada sabem do mais além
e o apregoam.

À volta da grande fogueira,
ver o canto do xamã e a voz da sábia.
Distantes e nunca tão próximos,
nem a superstição nem a ciência
– talvez o rato e o inverno –
conduzirão os nossos passos.

(Trad. Nuno Júdice)

FOGO PURO

A mítica Montalegre veste-se de memória para celebrar o fumeiro, em Janeiros gélidos. O Larouco testemunha esta existência pacata, agora mais inquieta, onde o fogo purificador é rei, fazendo crepitar largos troncos ardentes enganando o frio que desconforta corpo e alma. Há a crença de que o Deus Celta desce a serra de seu nome, numa celebração pagã e vem aquecer-se naquelas noites de breu, cumprindo-se o esconjuro. Lá do alto, o Barroso é sua testemunha. A noite enche-se de pontos de luz em matizes imitando estrelas. Enquanto isso, o Rabagão beijando as margens, aconchegado e ainda estremunhado, resvala seduzido pelos aromas e pelo calor emanado das fogueiras, ansiando pela chegada do próximo fumeiro.

NATAL NA ALDEIA

Na véspera, avós e netos faziam roda à volta da lareira, à luz das lamparinas de azeite e dos candeeiros a petróleo. O Menino Jesus e o Pai Natal não tinham outro remédio do que descerem às escuras pela chaminé. Os sapatinhos dos netos lá estavam à espera das prendas, brinquedos baratos que o Pai Natal não era rico e o saco pequeno. Então, os netos iam deitar-se sem o que os dois almocreves celestiais não chegariam. Às sete da manhã, os netos levantavam-se e corriam para a cozinha. Então, mais ninguém dormia na velha casa. Certo dia, um mais vivaço deitou tudo a perder: afinal eram os pais que distribuíam as encomendas por filhos, netos e até avós. O milagre não voltou a florir, mas todos fingiram acreditar no Pai Natal. Se já havia tanta mentira no mundo, que mal fazia uma a mais ou uma a menos na fria noite de Dezembro?





rogo
qualquer decisão
no ritual
do fogo
ou talvez não
quando sagrado
maior
sem logro
bem melhor
mas no tempo pardo
quero estar ao redor
do teu fogo
por vezes
inanimado
mal cuidado
em extermínio
pode ser dor
se a labareda
consome a flor
e ainda assim
privada de rega

é única no jardim
que cresce na entrega
e fecha-se no pudor
qual fascínio
torna-se veloz
na mística
na quimera
em qualquer domínio
transformadora
sim
na faixa
intrínseca
feroz
qual caixa
de pandora
em cada um de nós
mas porque queima
destrói
espiritualiza
mitos
e universos

que em todos reina
no que dói
no que menoriza
tantos sítios
de errados e de certos
por isso
o fogo
promete
já prometia
o tempo secreto
que eu não via
sortes de alquimia
para a marionete
que sem magia
iludia
o torniquete
e depois fugia
ah tomara tu
ganhar no jogo
vencer alturas
domar razões

que não guardo
secos corações
em tristes serões
de fados e torturas
no senso cru
do acender do fogo
é sem choro
que todas as criaturas
não reclamam
permanecem
suspensas na grade
cativas pela chama
no fogo de quem ama



MADEIRO SAGRADO

No meu Alentejo em casa o tradicional; o maior madeiro de azinho
Era para a Noite de Natal.

Tinha que arder a noite toda.
Ir para além da madrugada.
Lume sereno. Quentura iluminada.
O Menino Jesus só chegava quando já dormia aninhada
Era certo, vir com frio e as prendas eram pesadas
Atravessava o Céu vazio com asas de véu e magia dourada.
Descia a negra chaminé; a capa alva de algodão bordada.
O madeiro ardia no fogo da cor
Encanto e fantasia, Lume do Amor.
De manhã quando acordada; a cinza ainda quente, prateada,
Onde pequenas brasas reluziam como pingos de alvorada.
Nos sapatos: chocolates (sombriinhas, gatos, moedas, pais natais)
Roupa de agasalho, cores de afago.
E até dióspiros Ele me trazia! O Meu Menino Jesus Adorado.
Na casa dos avós maternos; o madeiro de azinho maior também
lentamente ardia.
Nem fumegava sequer!

Iluminava, aquecia.
Os velhos sapatos lá ficavam junto à fornalha.
E o Menino Jesus não se esquecia! Enchia-os de brinquedos, iguarias,
ovos de galinha na cesta de palha.
Os mesmos sapatos que no Inverno pisavam a lenha fria,
molhada de orvalho, O caramelo e a geada.
No Verão; a poeira quente, o restolho áspero, a azinhaga ardente
Terras de socalco, veredas de pasto em brasa.
Madeiro! Madeiro Sagrado. Onde O Meu Menino Jesus feito Homem
Foi Crucificado.





Maru Bernal

CRECE LA NOCHE MUERE EL DÍA

El abuelo quema rastrojos
en las lindes del huerto
la poda de los frutales
nidos de procesionaria
restos del lebrillo de pleita
que se pudrió con la lluvia
Brotó confiada la lumbre
entre sus manos de tierra
se nutre del calor del estío
fermenta al peso del otoño
burla la cencellada del frío.
A golpe de bastón y de memoria
el abuelo prende el conjuro de la noche
con la tenacidad de un roble centenario
una pavesa por cada uno de sus muertos
y el asombro de otro año al arrimo de la luz

N.B el título es parte de un refrán castellano
que dice "Santa Lucía, crece la noche y muere el día"

REGRESSO AO LENHO DA INFÂNCIA

Em muitos momentos do dia fecho os olhos
e de cada vez que os fecho ouço uma canção antiga.
Julgo-me embalado pela voz dos anciãos, tão láctea e tão distante
que confundo com o crepitar das labaredas do Madeiro.
Ouço uma canção inicialmente contida num poema,
num punho fechado que se abre lentamente da garganta da terra.
É é como uma mordedura que me arrefece de espanto e me faz suar.
Mordedura de um lacrau ancestral vindo dos confins da infância,
ou mordedura de uma sábia cobra que sibila e me questiona
se ainda me lembro de que lado está o coração em flama.
É isso, digo para mim, todos temos uma porta onde encostar
o ombro, encostar o corpo inteiro ao umbral: da minha observo
as chamas no adro e as saramântigas cor de fogo muito lentas.
É assim que gosto de regressar à infância:
sou contra a morte e não quero envelhecer.

PENAMACOR | BEIRA BAIXA | PORTUGAL

fazeres-me adivinhar onde te iria encontrar esta noite. sem uma mensagem, nem uma
única publicação no instagram, ou um link com a localização do nosso encontro

e entretanto fiquei sem rede. deve ser das centenas de pessoas que partilham este calor,
atirando à rebatina os frutos do ramo de laranjeira. sigo as concertinas

chego finalmente ao adro, há um fogo posto aqui. depois de todo um caminho percorrido,
guiado por constelações de azares, dias de frio e desamor, esperança adiada.
agora tu ali, feliz



TODOS OS FOGOS DA EXTINÇÃO

acendo-me no tronco antigo,
no desmedido corpo da árvore que a aldeia corta
como quem atravessa, com respeito,
o ventre do inverno.
o madeiro chega sempre no frio
ungido pela respiração dos homens
erguido contra a noite que corrói devagar as mãos
os santos os telhados as vozes caladas de todos os mortos

não sei se o fogo é de cristo ou de druidas
se é liturgia de incenso ou cântico de solstício
se é vela acesa no presépio, no sismo contra o medo
ou se é brasido pagão, a evocar os deuses da seiva
os touros ocultos as ervas negras
a língua secreta dos pinhais.

o madeiro arde, e nele ardem-me
os natais que perdi antes de viver
as manhãs em que o sino tocava
e o frio era tão fundo que o meu corpo
aprendia que existir doía.

ardem as mãos do meu avô
curvadas sobre o machado
o fumo a amparar-lhe o casaco
como se o tempo não aceitasse a sua despedida
e arde o presépio pobre que a minha mãe improvisava
um anjo de papel, um cordeiro pintado a lápis,
e a chama a tremer no vidro do copo
sempre acesa, não por fé. por sobrevivência.

e compreendo agora: o fogo nunca foi símbolo,
foi carne foi urgência, a tábua onde repousava
o medo dos homens.
no madeiro, o cristão e o pagão não disputam:
coincidem.
jesus menino e os deuses sem nome
bebem da mesma lenha
e respiram o mesmo estilhaço de centelha
que sobe ao céu
como se chamasse o frio os ausentes,
como se quisesse, apenas,
que a noite aprendesse a não ser tão longa.
no fogo vejo o que fomos
e o que se perdeu de vez:
as vozes que não regressam

as ceias que não tornaram
as mãos que já não sabem acender
qualquer esperança.
o madeiro crepita, lento,
no devoramento à árvore que testemunhou
a infância de alguém que já não existe.

no entanto,
há uma paz rude neste chamamento
como se o mundo respirasse outra vez
pesado mas intacto
e a aldeia inteira juntasse ao redor
num círculo antigo os vivos, os mortos,
os santos de barro e os animais silvestres.

ardemos, todos,
e ninguém sabe que é isto
a única comunhão possível

LEMBRANÇAS DA VELHA ALDEIA DOUTROS TEMPOS

Acho fascinante como um som ou um cheiro tem esse poder de desfazer distâncias e devolver-nos, num instante, a um tempo que julgávamos perdido.

Hoje, bastou o cheiro da lenha para que eu fechasse os olhos e regressasse, num sopro, aos anos 80 e 90, ao Arnozêlo — aquela pequena aldeia abraçada pelo Douro, onde a vida tinha o ritmo das coisas simples que ficam para sempre.

No inverno, mal saíamos do carro, vinha-nos aquele aroma igual a sempre... o cheiro do lume aceso, quente e caseiro, que parecia abraçar-nos antes de qualquer abraço humano. Aquele que um dia havia de ter e ser o cheiro da Saudade.

Descíamos a rua de pedra, ouvindo apenas o eco dos nossos passos e, ao fundo, o murmúrio distante na linha do Douro que seguia os meandros do rio que lhe deu o nome... era o antigo comboio antes a vapor e agora a gasóleo como se carregasse memórias antigas pelas margem do rio.

E ali, depois da casa da senhora Dina, aguardava-nos a casa dos meus avós — a casa da Alzira e do Zé Reis.

Lá dentro, o tempo tinha outro jeito de viver: ele, sentado junto ao lume, quase a adormecer com o crepitar da madeira; ela, de olhar atento à panela e ao relógio, pedindo em silêncio à Nossa Senhora da Ribeira, padroeira da aldeia, que nos trouxesse em segurança até a si.

Entrávamos pela porta sempre só encostada, porque casa de avós não se tranca — abre-se.

E antes de tirarmos o casaco, já se ouvia o chamamento doce que nos enchia o peito:

“Ohhh, minhas rosinhas!” - dizia ele

Era um calor maior do que o do lume.

Era pertença.

Era amor na sua forma mais pura.

Ainda hoje, gravado na parede da lareira, lê-se 1983.

E, sempre que o cheiro a lenha me encontra, é como se esse ano voltasse a respirar dentro de mim — trazendo de volta os meus avós, o comboio, o lume, a aldeia e tudo o que, sem saber, me ensinou a ser quem sou.



Xavier Zarco

MADEIRO

crepitam pela noite
antigualhas

palavras plenas de memória

adormecem
rente ao coração.



ÍNDICE

Adélio Amaro	15	Lauren Mendinueta	53
Amadeu Baptista	16	Laurinda Figueiras	54
Ana Machado	18	Luís Serrano	55
Antonio Carvajal	20	Maria Bispo	60
Armando Redentor	21	Maria Conceição Baleizão	63
Bruno Ramos	22	Maru Bernal	67
Carlos Ramos	24	Paulo Assim	68
Catarina Gaspar	26	Pedro Jubilot	69
Esmeralda Sánchez Martín	27	Rui Sobral	71
Fernando Chagas Duarte	28	Vera Reis	74
Gisela Gracias Ramos Rosa	30	Xavier Zarco	77
Helena Carvalho	31		
João Balthazar	32		
João Dórdio	34		
Joaquim Saial	40		
Jorge da Cunha	45		
José Antunes Ribeiro	46		
José Guardado Moreira	47		
José Ignacio Martín Benito	50		
José Manuel Carreto	51		



Agradecemos aos poetas João Rasteiro, Luís Maçarico, Luís Aguiar e Santiago Aguaded a ajuda na edificação desta plural cartografia do fogo, bem como ao pintor Rodrigo Dias, cuja apreensão imagético-contemplativa do rito ancestral ampliou o campo representacional e metafórico destes fólhos.

Este *Madeiro – Fólhos de Poesia VI* foi organizado no dia 16 de dezembro de 2025, data em que o calendário cristão evoca Santa Adelaide, nascida em 931, imperatriz que dedicou a sua vida ao auxílio dos pobres; São José Moscati (1880–1927), médico leigo italiano que se consagrou aos doentes incuráveis; e o rei David, pastor, rei e poeta, verdadeira figura ecuménica das religiões do Livro. Em tempos em que a guerra assola Gaza e a Ucrânia, oferecendo novas e sombrias entoações ao significado do fogo, cada vez menos matéria de génese e cada vez mais força que destrói o equilíbrio da Terra nestes tempos do Piroceno, elevem-se, para os crentes, os versículos do Salmo 29 do rei-poeta:

7 A voz do Senhor separa as labaredas do fogo.

11 O Senhor dará força ao seu povo;
o Senhor abençoará o seu povo com paz.

Que assim seja.



Aurelino Costa; António Salvado; Alfredo Pérez Alencart; António Teixeira e Castro; Carlos Da Aira; Carlos Cruchinho; Helena Villar Janeiro; Hugo Milhanas Machado; João Rasteiro; Joaquim Cardoso Dias; José Miguel Santolaya Silva; Leocádia Regalo; Luís Filipe Pereira; Luís Castro Mendes; Manuel Silva-Terra; Maria Toscano; Miguel Rego; Nazaré de Sant' Ana; Rosa Alice Branco; Stefania Di Leo.



Álvaro Giesta; António Maria Vieira Pires; António Rico; Artur Coimbra; Carlos Cruchinho; Carlos Manuel Lopes Pires; Cláudio Lima; Domingos da Mota; Eddy Chambino; Eduardo Aroso; Eduardo Olímpio; Graça Pires; Henrique Levy; Isabel Mendes Ferreira; João Pedro Azul; João Ricardo Lopes; Joaquim Colôa; Jorge Velhote; Juan Carlos Martín Cobano; Luís Filipe Maçarico; Manuel Barata; Maria de Lourdes Hortas; Maria José Quintela; Santiago Aguaded Landero; Sara S. Costa; Victor Oliveira Mateus.



Aida Acosta; Albertina Pires da Silva; Alberto Pereira; Ana Maria Puga; Carlos d'Abreu; Cecília Álvarez; Francisco Pardal; Izidro Alves; Javier Dámaso; João Sousa Teixeira; Jorge Carvalho; José Emilio-Nelson; José Manuel Batista; José Pires Marques; Luis Frayle Delgado; Luísa Carreirinho Tavares; Manuel Costa Alves; Maria Helena Ventura; Nicolau Saião; Pantaleão; Paulo Jorge Brito e Abreu; Paulo José Costa; Pedro Domingues; Rodrigo Dias; Teresa Veludo; Tiago Alves; Tomás Acosta Piriz; Vasco Lopes Dias Araújo; Virgínia do Carmo; Alunos do 6º A do AERS; Alunos do Pré-Escolar do AERS; Alunos do 1º Ciclo do AERS.



Afonso Carrega; Aires Diniz; Ana Melo; Ana P de Madureira; António Lourenço Marques; António Rico; António Sá Gué; Carlos Cruchinho; Carlos Fernando Bondoso; Fernando de Castro Branco; Francisco Pardal; Gabriela de Sousa; José Alfredo Pérez Alencar; José d'Encarnação; José Dias; José Dias Pires; José Fernando Delgado Mendonça; Leonora Rosado; Luís Aguiar; Maria de Lurdes Gouveia Barata; Marília Miranda Lopes; Mário Hélio; Pablo González Martín; Pantaleão; Silva Amaro; Sixto Sarmiento; Teresa Almeida Subtil; Tiago Alves; Vicente Garrido.



Adelaide Gardete; Afonso Carrega; Aida Acosta; Aires Diniz; Albertina Pires da Silva; Alberto Pereira; Alejandro Pereyra Doria Medina; Alfredo Pérez Alencart; Alice Duarte; Álvaro Giesta; Ana Maria Puga; Ana Melo; Ana P. de Madureira; Ana Paula Jardim; Ângela de Almeida; António Amaral Tavares; António Canteiro; António Lourenço Marques; António Maria Vieira Pires; António Rico; António Sá Gué; António Salvado; António Teixeira e Castro; Artur Coimbra; Aurelino Costa; Carlos Cruchinho; Carlos d'Abreu; Carlos da Aira; Carlos Fernando Bondoso; Carlos João; Carlos Manuel Lopes Pires; Carlos Nuno Granja; Cecília Álvarez; Celia Camarero; Chema García; Cláudio Lima; Conceição Oliveira; Daniel Maia-Pinto Rodrigues; Domingos da Mota; Eddy Chambino; Eduardo Aroso; Eduardo Olímpio; Elena Diaz Santana; Elisa Scarpa; Emília Gomes da Costa; Esmeralda Sánchez; Felipe Rodríguez; Fernando de Castro Branco; Francisco Pardal; Francisco Rijo; Gabriela de Sousa; Graça Patrão;

Graça Pires; Helena Villar Janeiro; Henrique Levy; Hugo Milhanas Machado; Isabel Mendes Ferreira; Izidro Alves; Javier Dámaso; João Pedro Azul; João Pedro Mésseder; João Pedro Porto; João Rasteiro; João Ricardo Lopes; João Sousa Teixeira; Joaquim Cardoso Dias; Joaquim Colôa; Joaquim Pantaleão; Jorge Carvalho; Jorge Velhote; José António Franco; José Augusto Vaz; José Alfredo Pérez Alencar; José d'Encarnação; José Dias (Paul); José Dias Pires; José Emílio-Nelson; José Fernando Delgado Mendonça; José Manuel Batista; José Miguel Santolaya Silva; José Pires Marques; José Viale Moutinho; Juan Carlos Martín Cobano; Kassai Misou; Leocádia Regalo; Leonora Rosado; Luís Aguiar; Luís Castro Mendes; Luís Filipe Maçarico; Luís Filipe Pereira; Luís Filipe Sarmento; Luis Frayle Delgado; Luísa Carreirinho Tavares; Maite Jou; Manuel Barata; Manuel Costa Alves; Manuel Silva-Terra; Manuela Caeiro; María Calle Bajo; Maria de Lourdes Hortas; Maria de Lurdes Gouveia Barata; Maria Helena Ventura; Maria José Quintela; Maria José Ramos; Maria Toscano; Marília Miranda Lopes; Mário Hélio Gomes de Lima; Miguel Rego; Nazaré de Sant'Ana; Nicolau Saião; Orlando Jorge Figueiredo; Pablo González Martín; Paulo Jorge Brito e Abreu; Paulo José Costa; Pedro Domingues; Porfírio Silva; Raquel Zarazaga; Rita Tormenta; Rodrigo Dias; Rosa Alice Branco; Santiago Aguaded Landero; Sara S. Costa; Silva Amaro; Sixto Sarmiento; Stefania Di Leo; Tente Garrido; Teresa Almeida Subtil; Teresa Veludo; Tiago Alves; Tomás Acosta Piriz; Vasco Lopes Dias Araújo; Vitor Cardeira; Victor Oliveira Mateus; Virginia do Carmo; Alunos do 6º A do AERS; Alunos do Pré-Escolar do AERS; Alunos do 1º Ciclo do AERS.



Em Penamacor, o Natal vive-se com tradição, união e orgulho. O Madeiro é mais do que fogo: é alma, é história, é cultura, é identidade... É PENAMACOR EM FESTA!

/ Adélio Amaro / Amadeu Baptista / Ana Machado
/ Antonio Carvajal / Armando Redentor / Bruno Ramos /
/ Carlos Ramos / Catarina Gaspar / Esmeralda Sánchez Martín /
/ Fernando Chagas Duarte / Gisela Gracias Ramos Rosa /
/ Helena Carvalho / João Balthazar / João Dórdio /
/ Joaquim Saial / Jorge da Cunha / José Antunes Ribeiro /
/ José Guardado Moreira / José Ignacio Martín Benito /
/ José Manuel Carreto / Lauren Mendinueta /
/ Laurinda Figueiras / Luís Serrano / Maria Bispo /
/ Maria Conceição Baleizão / Maru Bernal / Paulo Assim /
/ Pedro Jubilot / Rui Sobral / Vera Reis / Xavier Zarco /



MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

